

**ARRANJOS ESPACIAIS: ÊNFASE AOS JOGOS PEDAGÓGICOS NO
ENSINO MÉDIO**

Arlinde Wendling¹

Tatiane Sehn²

Alexandra Franchini Raffaelli³

Kurlan Frey⁴

Revista Saberes e Sabores Educacionais

ISSN 2359-263X

Vol. 7, 2020.

¹ Acadêmica do 6^a semestre do curso de Pedagogia da UCEFF. E-mail: aarlindew@hotmail.com

² Acadêmica do 6^a semestre do curso de Pedagogia da UCEFF. E-mail: tatianesehn@yahoo.com.br

³ Professora do curso de Pedagogia da UCEFF. E-mail: alexandra@uceff.edu.br

⁴ Professor do Curso de Pedagogia da Uceff. Email: kurlan@uceff.edu.br

Resumo:

Este artigo apresenta a prática do Estágio Supervisionado III - Gestão e Docência no Ensino Médio do curso de Pedagogia da UCEFF de Itapiranga/SC. O mesmo foi desenvolvido através de uma oficina e abordou o tema “Arranjos Espaciais: ênfase aos jogos pedagógicos no Ensino Médio”. Considerando as dificuldades encontradas na turma, perante os trabalhos em grupos, cooperação e compreensão dos conteúdos propostos, observou-se a necessidade de reorganização do ambiente da sala de aula possibilitando a aproximação e diálogo dos mesmos. O artigo apresenta o objetivo da oficina que foi de desenvolver vivências e práticas pedagógicas em diferentes arranjos espaciais que auxiliassem no processo ensino aprendizagem. Consideramos que diferentes elementos precisam ser pensados para o efetivo planejamento das aulas no Ensino Médio, destacamos a importância de observar as possibilidades dos arranjos espaciais em sala de aula como possibilidade de maior aproximação entre os estudantes. Este estágio permitiu que observássemos o espaço como foco de aprendizagem, compreendendo a influência que sua reorganização pode trazer para proporcionar o estímulo das habilidades e competências fundamentais para o desenvolvimento do estudante no Ensino Médio.

Palavras-chaves: Oficina; Arranjos Espaciais; Experiências.

Abstract:

This article presents the practice of Supervised Internship III - Management and Teaching in High School of the Pedagogy course at UCEFF in Itapiranga / SC. It was developed through a workshop and addressed the theme “Space Arrangements: emphasis on pedagogical games in high school”. Considering the difficulties encountered in the class, in the face of group work, cooperation and understanding of the proposed contents, there was a need to reorganize the classroom environment, making it possible to approach and dialogue with them. The article presents the objective of the workshop, which was to develop pedagogical experiences and practices in different spatial arrangements that would assist in the teaching-learning process. We consider that different elements need to be thought for the effective planning of classes in High School, we emphasize the importance of observing the possibilities of spatial arrangements in the classroom as a possibility of closer approximation between students. This internship allowed us to observe the space as a focus of learning, understanding the influence that its reorganization can bring to provide the stimulus of the fundamental skills and competences for the development of the student in High School.

Keywords: Workshop; Spatial Arrangements; Experiences.

Introdução

O presente artigo apresenta reflexões em torno do Estágio Supervisionado III - Gestão e Docência no Ensino Médio que ocorreu em uma escola de educação básica do Município de Itapiranga-SC, com a turma do 2º Ano do magistério no turno vespertino. A mesma será denominada como escola “A”.⁵ O nosso tema surgiu a partir da observação realizada na escola. Em conversa com os professores da instituição apresentamos nossa proposta temática da oficina: Arranjos Espaciais: Ênfase nos Jogos pedagógicos no Ensino Médio. Os docentes afirmam ser um tema bem oportuno, em razão de alguns alunos apresentarem dificuldades em determinadas disciplinas, tendo

⁵ Omite-se o nome da instituição para preservar sua identidade.

em vista que os jogos aproximam momentos de ludicidade e aprendizagens, bem como a reorganização dos espaços que possam proporcionar melhor envolvimento entre eles.

O objetivo foi vivenciar práticas pedagógicas em diferentes arranjos espaciais que auxiliam no processo ensino-aprendizagem. A metodologia foi planejada e elaborada a partir da observação realizada e a partir da percepção de que a turma necessita de ações pedagógicas para uma melhor compreensão dos conteúdos trabalhados. Desta maneira, pensamos em oportunizar aos educandos jogos pedagógicos, cooperativos e dinâmicos.

Diante disso, em diálogo com os docentes, e através da observação, percebemos que os educandos possuem dificuldades no convívio e relação entre eles. Portanto, ao longo da observação pensamos em integrar em nossa prática dinâmicas cooperativas que proporcionam a interação entre a turma e a possibilidade de melhorar a relação interpessoal.

O processo vivenciado durante o estágio, neste artigo está abordado a partir da observação da turma. Em vista disso, nosso referencial teórico discorre sobre tais possibilidades, fundamentado na importância de planejar e organizar uma proposta que proporciona a interação em sala de aula. Refletir sobre o planejamento docente nesse momento nos aproxima de nosso planejamento da oficina. Por conseguinte, trazemos reflexões acerca da relação professor e aluno e dos desafios da educação no século XXI, abordando alguns elementos essenciais que devem estar presentes na sala de aula. Por fim apresentamos de forma sucinta a nossa prática de estágio considerando sempre a temática proposta.

Planejar: ato de organizar uma proposta que se efetive

Como já afirmamos, o planejamento é fundamental e está presente em nosso cotidiano, nas mais variadas situações. O ato de planejar é importante, pois contribui muito para que as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula tenham uma boa organização. Para Gandin (2007, p. 19) “planejar é transformar a realidade numa direção escolhida, é organizar a própria ação”.

O planejamento deve ser considerado como um instrumento na execução de qualquer tarefa a ser desenvolvida, sendo de curto ou longo prazo no âmbito escolar, pois tem grande influência no desenvolvimento das práticas pedagógicas, proporcionando assim uma melhoria na educação do país.

Conforme Gandin (2007, p. 17), “o planejamento e um plano ajudam a alcançar a eficiência, isto é, elaboram-se planos, implanta-se um processo de planejamento a fim que seja bem-feito aquilo que se faz dentro dos limites previstos para aquela execução”. Nesse sentido, para que o estágio se efetive,

ressaltamos a importância do planejamento da oficina. Esta foi pensada e construída após o diagnóstico no qual foi possível observar a dificuldade de convivência e relação entre os estudantes da turma, bem como identificar a necessidade de práticas pedagógicas para um melhor entendimento dos conteúdos trabalhados.

Gomes (2011, p.04) diz que “o planejamento sempre foi uma necessidade básica e necessária em qualquer hora de trabalho do ser humano. E dentro das unidades escolares o ato de planejar tem grande importância, pois é através dos planejamentos que o professor se organiza e media a sua aula. O planejamento se transforma em experiências que auxiliam na vida profissional docente.

Para Gandin (2007), a experiência não vem de se ter vivido muito, mas de se ter refletido intensamente sobre o que se fez e sobre as coisas que aconteceram. Para que as aulas tenham significado e os professores tenham sucesso no seu trabalho, é necessário que façam reflexões do trabalho que desenvolvem com seus alunos, tentando buscar melhorias e adequar-se continuamente.

Enquanto pedagogos, é importante percebermos que devemos ser flexíveis, pois muitas vezes as atividades ou trabalhos elaborados em sala de aula não saem exatamente como foram planejados. Nesta concepção, Elias (1997, p. 65) ressalta a importância de se ter um planejamento flexível:

O planejamento é flexível, montado cooperativamente com os alunos, de forma a atender os programas oficiais e os interesses destes, sem perder de vista a programação oficial a ser cumprida. Do plano geral extraem-se os planos anuais, semanais e diários. Estes são o centro da organização: são individuais, discutidos sempre em conjunto, professores\alunos, para melhor acompanhamento da apropriação\ produção do aluno. Cada etapa vencida é avaliada, considerando-se, principalmente, o empenho do aluno no processo, isto é, um momento de reflexão para melhor encaminhamento da aprendizagem, quando se retomam as dificuldades e projeta-se a continuidade do trabalho.

Conforme a ideia do autor, ele nos destaca que o planejamento deve ser construído juntamente com os próprios educandos, atendendo as necessidades dos mesmos. Para Gomes (2011, p. 05), “O professor ao planejar o trabalho deve ter uma familiaridade com o que deseja aplicar de modo que possa selecionar os recursos, o método e a avaliação mais coerente com a situação vivenciada”.

Santos (2013) traz algumas contribuições do planejamento de ensino: simplifica a elaboração, bem como a organização e a execução das aulas; proporciona ao processo avaliativo a busca, a confirmação do ensino e a da aprendizagem; possibilita o envolvimento com todos, na prática educacional; incentiva a reflexão constante da prática pedagógica no método educacional, bem como na político-social; auxilia na formação de um sujeito como cidadão.

O planejamento auxilia no processo de ensino aprendizagem, mas não resolve todos os problemas do espaço escolar (SANTOS, 2013). Sendo assim, consideramos o ato de planejar extremamente importante nesta etapa do processo. O mesmo se torna nosso alicerce na execução. Porém, é importante frisar a flexibilidade como elemento essencial nesta etapa. O planejamento tem como referência deixar-nos mais seguros e tranquilos diante de um imprevisto, mas, não devemos deixar de ser flexíveis com o planejado.

Relação professor e aluno na reorganização dos espaços

Um bom relacionamento em sala de aula entre professor e aluno juntamente com um bom diálogo e parceria é fundamental para que os trabalhos educativos se tornem possíveis e uma aprendizagem eficiente ocorra. A convivência entre professor e aluno é um modo de interação na qual se estabelece uma comunicação entre pessoas, tendo o propósito de um aprender com o outro.

Para que se tenha uma boa relação professor-aluno vários aspectos são importantes, tais como: a afetividade, a interação, a convivência, o respeito, a comunicação, a linguagem e destacamos aqui, a organização dos espaços, proporcionando uma proximidade entre ambos. Todos esses elementos influenciam no processo de ensino aprendizagem do educando. Destacamos que, a convivência entre professor e aluno na sala de aula é essencial, pois contribui para uma aprendizagem eficiente e significativa.

Além da boa convivência em sala de aula, a confiança também é um dos aspectos importantes que fazem com que o aluno tenha vontade de aprender, bem como o professor sente-se mais motivado para mediar e aprimorar seus métodos pedagógicos. Hillal (1985, p. 09) afirma que “essa relação professor e aluno é um modo de interação ou encontro profundo que se estabelece entre pessoas. Reflete uma atitude de objetivo bem definido que permite o encontro entre educando e educador”.

Quando falamos em métodos pedagógicos temos que pensar nos sujeitos que fazem parte dessa prática, ou seja, professores e alunos. O professor, como mediador deste processo, tem o desafio de organizar tudo na tentativa de motivar o educando durante a aula, tendo entendimento do

processo como um todo. Sua mediação e forma de relacionar-se pode levar a momentos tanto positivos quanto negativos (SOUZA, 2011).

Desta forma Hillal (1985, p. 39) diz:

Que se o professor deseja mesmo ser educador, deve procurar em classe uma situação ajustada ao desenvolvimento dos alunos, como as relações em aula, evitando antecipar julgamentos, procurando ser receptivo, fazendo-se compreender tanto na matéria que leciona quanto na pessoa em si. Procure compreender o mundo do aluno, vendo as coisas com ele vê, a fim de poder chegar até ele. Considere e compreenda a educação como uma atividade construtiva e criativa. Procure entender a si mesmo e aos outros, conscientizando-se do que pensa e sente.

É de suma importância que o professor faça o esforço de entender o aluno e as possibilidades para que a aprendizagem ocorra. Atualmente é comum vermos salas de aula com classes e cadeiras, dispostas em filas e buscando sempre a organização espacial em fileiras. Seria oportuno pensar que no Ensino Médio também é possível oportunizar arranjos diferentes, que ofereçam aos estudantes a experiência de compartilhar ideias, diálogos e conhecimentos através do contato mais próximo, através de arranjos que possam assim permitir. É apenas uma reorganização de ambiente, mas que proporciona um espaço convidativo para atividades mais construtivas e criativas. Conforme Hillal (1985, p. 19), “o educador pode auxiliar o aluno a vencer muitas dificuldades ambientais, assim como ampliá-las ou provocá-las”.

Para complementar esta ideia, Hillal (1985, p. 23) pondera que “Os alunos necessitam de docentes maduros afetivamente desenvolvidos e que estabeleçam com ele relações satisfatórias”. Os professores são os responsáveis por desenvolverem alunos que também sejam responsáveis verdadeiramente, possuindo vínculos essenciais para sua aprendizagem.

Todo professor deveria sempre estar disposto a dialogar com os alunos, mantendo diálogo espontâneo e sincero, para que o aluno perceba que não há atitudes premeditadas em relação a ele. O diálogo levaria o professor a melhor compreensão dos problemas pessoais do educando, assim como a determinadas situações sociais.

O diálogo é outro aspecto importante para o bom relacionamento entre professor e aluno. Sem dúvida, é uma das melhores formas de compreender o aluno, ainda sendo verdadeiro e sincero. Através do diálogo o professor

consegue entender os problemas do aluno, resolvendo muitas vezes dúvidas existentes. Souza (2011, p. 29) ainda complementa que o diálogo é um valioso instrumento permitindo que ambos aproveitem o conhecimento historicamente construído e sigam aprimorando-se na arte de fazer-se humano. O diálogo proporciona uma troca de saberes e permite que ambos aprendam juntos.

Souza (2011, p. 30) ressalta que “um bom professor procurará a melhor forma de chegar ao aprendizado de seus alunos elaborando aulas diferenciadas, revendo metodologias utilizadas que não deram certo ou criando outras, para que seus alunos tenham uma escolarização de qualidade”. Nesse sentido, investir na modificação dos espaços também é uma possibilidade para que a aprendizagem aconteça.

Através destas premissas, é possível perceber que para ter uma boa relação professor e aluno há diferentes elementos que interferem e influenciam, tais como: a convivência, o diálogo, afetividade, a comunicação em sala de aula e a organização do ambiente. Estes elementos são essenciais para que o educando tenha uma boa aprendizagem e, sem dúvidas, é fundamental na sua trajetória educacional. O professor pode mediar a aula a ponto de instigar a curiosidade em seus alunos sobre o conteúdo abordado, basta observar esses elementos e ser flexível em seu planejamento.

Reflexões da educação no século XXI

A educação é um processo contínuo e que sempre está em desenvolvimento. Mas o principal desafio de hoje em dia é educar no século XXI, com os intensos avanços das tecnologias e os meios de comunicação, isso está se tornando cada vez mais desafiador. Na nova pedagogia, o professor é considerado um educador que utiliza as mais variadas ferramentas, todas buscando auxiliar na mediação de conhecimentos.

O papel do professor passa por constantes desafios, é preciso ressignificar. Para Kieling (2011, p. 184) educar na era da globalização “é um permanente desafio à construção de um cotidiano, onde seja possível fazer valer as dimensões humanas da Ética e da Cidadania. No atual contexto de globalização das relações econômicas, políticas e culturais e da acelerada mudança tecnológica, conhecer-se tornou-se uma necessidade”. Nesta mesma concepção Morin (2011, p. 69) afirma que:

O século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade. Esta tomada de consciência deve ser acompanhada por outra, retroativa e correlativa: a de que a história humana foi e continua a ser uma aventura desconhecida. Grande conquista da inteligência seria

poder, enfim, libertasse da ilusão de prever o destino humano.

Neste entendimento, surge um novo pensamento que nos faz refletir sobre as incertezas, para que saibamos trabalhar com esta nova realidade, ligada ao conhecimento sendo o principal agente que pode gerar mudanças. Para Kieling (2011), a informática vem conquistando seu espaço cada vez mais significativo no processo educacional. Seu aproveitamento como método de aprendizagem e seu desempenho no meio social vem crescendo de forma rápida e contínua. Nessa concepção, a educação passa por uma fase de mudanças fundamentais e úteis a favor das novas tecnologias.

Educar no século XXI é trazer para a sala de aula uma educação do século XXI, que leve o aluno a diferentes oportunidades de explorar suas habilidades, transformando-as em competências e capacidades que o prepare para o mundo desafiador. É preciso adaptar-se ao novo, permitindo que a tecnologia que nos cerca impulse a aprendizagem e nos permita conhecer cada vez mais. O aluno precisa desafiar-se em seu protagonismo, construindo conhecimento.

Freire (1996, p.47), já nos alertava para a importância de mediar e construir conhecimento:

O educando deve ser o construtor da sua aprendizagem, nesse sentido o educador é apenas o auxiliador desta construção. Deve-se compreender que a aprendizagem deve promover a autonomia e é nessa autonomia que o educando terá seu crescimento cognitivo e emocional. Saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção.

Nesse sentido, o professor como mediador no século XXI precisa constantemente avaliar as suas ações. A avaliação frente ao processo de ensino aprendizagem tem como objetivo elencar alguns pontos essenciais que podem ser mudados, redirecionados. A avaliação pode ocorrer constantemente “comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos avançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência. O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. (Freire, 1996, p. 47).

Por meio destas concepções é importante destacar que as escolhas do professor precisam ser alicerçadas observando sempre as mudanças que acontecem a todo tempo, mas também nos saberes necessários para a formação do seu aluno. É verdade que este século nos traz desafios, mas é

fundamental que o conhecimento seja sempre conduzido através das experiências positivas e validadas sempre pelas aprendizagens construídas.

Reflexões e contribuições da prática do estágio

O estágio realizado na turma do Ensino Médio nos proporcionou conhecimento nesta modalidade de ensino, nos permitiu compreender e agregar ainda mais conhecimento, nesse espaço de aprendizagem. Porém, o que percebemos é que este nos exigiu mais comunicação, flexibilidade e um plano bem elaborado ao nível dos alunos. O estágio por sua vez, foi muito desafiador pois estávamos mediando saberes significativos para a sua aprendizagem.

Conforme Perrenoud (2000, p. 71) “ensinar é também estimular o desejo do saber”. Acreditamos que essa foi uma das atividades mais desafiadoras, pois além de mediar o conhecimento, precisávamos, de forma constante, ouvi-los e entendê-los, incentivando-os para a pesquisa, explorando atividades com inovação e tecnologia, envolvendo a práxis pedagógica de forma contínua.

O estágio contribuiu muito para nossa formação docente, agregando conhecimentos e nos permitindo conhecer o âmbito final da educação básica. As aprendizagens são resultado de muito esforço, dedicação e responsabilidade, características essenciais a um estagiário que busca excelência em sua formação. É momento de aprender e, ao mesmo tempo, colocar em prática nossas aprendizagens adquiridas durante a trajetória acadêmica, trazendo contribuições de todos os componentes curriculares dos quais nos dedicamos.

Assim como já trouxemos anteriormente, realizamos nossa observação e prática do estágio com a turma do 2º Ano vespertino. Mediante autorização, observamos a turma no período de quatro horas. Diante disso, observamos alguns pontos: falta de coleguismo em sala de aula (cooperação), falta de interesse dos alunos mediante algumas tarefas, compromissos com seu próprio desenvolvimento.

Diante dos comentários acima, Perrenoud (2000, p. 81) salienta que “trabalhar em equipe é, portanto, uma questão de competências e pressupõe igualmente a convicção de que a cooperação é um valor profissional”. Neste contexto, observa-se, a importância da mesma, cooperar é crescer, auxiliar, desenvolver-se de forma positiva diante as competências.

Analisando o perfil da turma, escolhemos a temática que trabalhamos com eles, com o tema: Arranjos Espaciais: ênfase aos jogos pedagógicos. Estes, cooperativos, dinâmicos e interativos. Buscamos a partir de então, construir nosso projeto da prática com atividades que envolvessem esse

propósito. A Pedagogia evidencia os arranjos espaciais para escolas de Educação Infantil, no entanto, observando a importância dos mesmos e sua possibilidade de interação em sala, partimos do pressuposto de reorganizar os ambientes e oportunizar diferentes experiências aos estudantes do Ensino Médio.

Em nossa prática organizamos a sala de maneira diferenciada, juntamos as carteiras e cadeiras em grupos igualmente divididos para que facilitasse ainda mais o trabalho em equipe. Organizamos também, em sala, arranjos espaciais, isto é, zonas circunscritas, que neste caso, nos permitiu visualizarmos a temática do arranjo, facilitando o entendimento dos estudantes. Os arranjos espaciais dão ênfase a um espaço diversificado que contribuem para que o aluno se interesse pela aprendizagem. Os espaços, na maioria das vezes, são dinâmicos e envolvem diretamente a temática trabalhada. Além disso, promovem o encanto através da prática.

Deixamos os alunos bem à vontade, de forma que pudessem escolher o espaço que iriam acomodar-se. Iniciamos nossa prática ressaltando o respeito, a dedicação e comprometimento para o momento que estaríamos juntos. Além de mediarmos nossos saberes para com eles, oportunizamos uma aproximação e confiança em nosso trabalho, o que julgamos importante para que a aprendizagem aconteça.

Tardif (2008), em seus estudos, afirma que é preciso conjugar a prática docente não apenas como um objeto de estudo, mas sim, uma atividade que mobiliza saberes pedagógicos, como concepções reflexivas e educativas. O estágio nos proporcionou muitos saberes, conquistas e acima de tudo muita flexibilidade. Foi possível observar a importância de considerarmos os espaços como constitutivos do ambiente físico e social do estudante.

Durante as atividades realizadas percebemos a importância do planejamento. Destacamos a atividade da cadeira cooperativa humana, essa por sua vez, foi planejada com a intencionalidade de desenvolver uma prática que pudesse ser dialogada e fundamentada em autores, experiências e objetivos. A atividade contribui para desenvolver concentração, cooperação e foco nas ações e escolhas.

A dinâmica cooperativa humana, exigiu ressignificação e flexibilidade durante a execução da atividade. Percebemos que os estudantes precisavam concentrar-se. A partir de então, retomamos esse diálogo com eles, percebemos nesse momento a importância de dialogar, mostrando aos alunos que precisam ter confiança nos colegas, ressaltando a valorização do trabalho em equipe.

De acordo com Gandin (2008), a flexibilidade pode ser utilizada e se faz necessária, quando esta flexibilidade serve para acertar pequenas coisas durante a prática, mas que estas ainda estejam direcionadas com os planos e

objetivos anteriormente traçados. A partir da citação de Gandin, notamos que sempre haverá momentos em que precisamos nos adaptar aos imprevistos e diferenças. A flexibilidade se torna essencial nesse contexto.

Citamos também, como atividades bem relevantes os jogos pedagógicos com intuito cooperativo. Nessa atividade, sentimos o gosto dos adolescentes pelo jogo. Conforme Volpato (2002, p. 27), “concebe-se o jogo, a brincadeira, como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo”. Destacamos que, o espaço físico reorganizado, aproximando os estudantes, direcionando o olhar para os colegas e permitindo o trabalho em grupo, fortaleceu as atividades.

Os jogos pedagógicos trabalhados com embasamento de autores, desenvolvem no aluno o raciocínio lógico, formas de jogo, estratégias e trabalho em equipe. Nestas atividades deixamos claro aos alunos que os jogos não possuem regras em específico, elas também podem ser alteradas/adaptadas a todo tempo, desde que, discutidas em grupo.

Segundo a autora Dohme (2008, p. 18) salienta que:

Iniciar pelos jogos é conveniente uma vez que esta é a atividade preferida das crianças e adolescentes. Basta reunir dois ou três deles que estão chutando uma bola, tentando ver quem salta ou se equilibra melhor ou fazendo adivinhações. Se não existirem regras eles as criam, se não existirem materiais adequados eles improvisam, espontaneamente aparece a liderança e um observador facilmente poderá perceber o prazer que o pequeno grupo está tendo com a brincadeira.

Trouxemos o comentário de Dohme pelo fato de que, as regras não precisam existir ou sempre serem as mesmas, podemos nos colocar como sujeitos a mudança todo o tempo. Nestas atividades, foi possível perceber que os adolescentes realmente necessitam da prática para que entendam a teoria. E isso, é deixado de lado em muitos dos educandários e mesmo no processo de ensino aprendizagem, principalmente no Ensino Médio.

Neste estágio também levamos para a sala de aula a ideia de construção de um jogo. Este jogo precisava ter manual, objetivos e em quais conteúdos poderia ser abordado. Os estudantes se envolveram bastante na construção dos jogos, momento que percebemos a importância de oportunizar a criatividade e livre expressão em suas produções. “Os jogos de construção são considerados de grande importância por enriquecer a experiência

sensorial, estimular a criatividade e desenvolver habilidades (...)” (KISHIMOTO, 2005, p. 40).

A construção do jogo foi uma atividade bem interessante e diferente para os participantes. Assim como também cita o autor, o jogo tem como objetivo desenvolver várias habilidades e criatividade, fazendo com que a turma realmente produzisse em equipe, um ponto muito positivo da prática. Oportunizamos aos estudantes que explorassem os espaços nessa atividade, podendo usar não somente suas mesas e cadeiras, mas o chão e demais espaços da sala.

O estágio nos proporcionou momentos de interação direta com os educandos. Não deixamos de lado o olhar sensível e crítico relacionando a teoria com a prática e sempre nos colocamos a disposição para eventuais dúvidas e/ou críticas. O que no início parecia ser impossível, explorar espaços em uma sala de aula, no final concluímos que podemos fazer muito com o que temos. O Corpo torna-se mais expressivo e a atividade acontece de forma mais colaborativa.

Considerações finais

Iniciamos um desafio de pensar sobre as possibilidades dos espaços no Ensino Médio. Assim consideramos, que o Estágio Supervisionado III - Gestão e Docência no Ensino Médio nos proporcionou grandes momentos de aprendizagens, vivências, construção de saberes, experiências, responsabilidades e desafios, que com certeza nos auxiliaram para a nossa caminhada acadêmica e futuramente docente.

O Estágio é muito importante na vida acadêmica do aluno, pois é considerado um alicerce da união entre a teoria e a prática, proporcionando que o docente em formação tenha uma experiência com a vida profissional. Mesmo tendo desafios e obstáculos a enfrentar ao realizar a prática, através dela é possível compreender e desenvolver habilidades e competências essenciais para a mediação dos conhecimentos teóricos, bem como os métodos trabalhados durante a graduação do curso.

Consideramos o quanto o tema torna-se relevante para o pedagogo, tendo em vista que a nossa formação nos permitiu durante os estágios estarmos próximos de nossas futuras áreas de atuação. Essa prática nos possibilitou olhar e refletir sobre nossas possibilidades educativas, nos qualificando em diferentes aspectos pedagógicos.

Podemos afirmar que saímos daquele espaço fortalecidos pelo trabalho realizado, mais do que isso, saímos diferentes do que entramos. O amadurecer durante o processo nos permitiu perceber que o campo de estágio é mais que uma possibilidade de atuação futura é um espaço de necessidade de

intervenção do Pedagogo. É tempo de aprender, de buscar saber mais sobre o que o estágio nos instigou.

Os estudantes relataram a importância dos jogos para o ensino aprendizagem, bem como para suas atividades de estágio que terão que desenvolver para sua formação. Validaram a importância dos arranjos e relataram o quanto os mesmos permitiram maior proximidade durante as atividades que foram propostas. Destacamos, nesse sentido, a importância da reorganização dos espaços na sala de aula e afirmamos que é uma possibilidade sem custo para a escola.

Há um caminho a percorrer, mas para que se efetive é preciso dar o primeiro passo. O planejamento é essencial, a organização diferenciada do ambiente deve seguir o objetivo do que foi planejado para a atividade, no entanto, consideramos que é possível. O ambiente torna-se favorável para que o estudante tenha compreensão de sua expressão corporal, permite um maior diálogo entre os pares e auxilia no aprimoramento de suas habilidades. A mudança em sala permitiu constatar que os estudantes exploraram a organização para ampliar o diálogo com diferentes colegas o que acreditamos ser essencial para que a aprendizagem aconteça.

Toda vez que um estágio acontece fica a intenção de continuidade. É somente refletindo que podemos acompanhar as mudanças e aproveitar nossas experiências para crescer. O espaço do estágio nos proporciona a mudança, aprendemos com ele e nos construímos através dele. Somos gratos pela oportunidade que tivemos e pela aprendizagem que juntos construímos.

Referências Bibliográficas

DOHME, Vania. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos de aprendizado**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Céltin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. 15.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GOMES, Édula Maria Fonseca. **A importância do planejamento para o sucesso escolar**. Porto Nacional, 2011.

GONÇALVES, Alba Lúcia; LARCHERT, Jeanes Martins. **Avaliação da Aprendizagem**. Ilhéus- BA: Editus, 2011.

HILLAL, Josephina. **Relação Professor-Aluno: formação do homem consciente**.

2.ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mito e Desafio uma perspectiva construtivista**.

35.ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação da aprendizagem: mito e desafio**. Porto Alegre, Revistas Educação e Realidade, 10. ed. 1993.

KIELING, Márcia Rosane. **Desafios de Educar no século 21: novos paradigmas**. In: Reflexões Pedagógicas no Início do século 21. (Org): Rosilei Heck Lauschner. Passo Fundo: IMED, 2011.

KISHIMOTO; Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Primeira Constatação: a escola pratica mais exames que avaliação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários a educação do futuro**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **A avaliação no espírito da excelência e do êxito escolares**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOS, Andréia dos. **Planejamento de ensino**: suas contribuições no processo de ensino e aprendizagem na Escola Municipal Papa pio XII. Medianeira, 2013.

SOUZA, Eliane Alves de. **Relação Professor- Aluno**. Londrina, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: usos e significados no contexto escolar familiar. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.